

O IMPARCIAL

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 23 de Julho de 1916. SANTA CATHARINA

NUM. 17

OS PADRES

(D'«O Petardo»)

Continuação

O homem que insulta o Padre deixa nivelar-se com o lodo, para atiral-o em baldões ás faces venerandas de quem no mundo não tem grandeza que lhe seja equiparável.

Vae-se á necropole da historia, desperta-se dos seus jazigos os gigantes de outras eras, e, exalçando-os ao pedestal das honras publicas, decreta se-lhes o culto e a apothese, ao passo que o Padre só merece a critica mordaz, a diatribe e o morejo atassalhador. Que contradição.

Mas não importa; os desprezos que lhe votam, a guerra accintosa que lhe movem, a perseguição continua que lhe suscitam por toda a parte, não poderão jámais abalar o throno indestructivel, em que o Padre domina, como soberano pacifico das almas, e nem sequer ensombram o caracter glorioso, que o Eterno indelevelmente esculpira na fronte.

Podeis, oh! loucos! estancar o rio da vida, que percorre, anima e fecunda os dominios do mundo physico? Não. Pois tambem não podereis nunca estancar o rio do christianismo, que percorre, anima e fecunda os dominios do mundo moral. Ambos estes rios procedem de uma e a mesma fonte, uma e a mesma origem divina e, consequentemente, inacessivel á acção destruidora do homem.

E, enquanto o christianismo existir na humanidade, o que será até ao ultimo arranco dos seculos, ha de existir sempre com elle o Padre, que é a expressão da sua

ideia, a forma do seu espirito, o orgão da sua vida.

Já lá vão dezenove seculos e esses dezenove seculos têm levado de envolta consigo, thronos, poderios, systemas e instituições utilitarias, que promettiam uma duração prolongada, eterna, talvez; mas no meio do rugido de todas as tormentas, do fragor de todos os desastres e do pó de todas as ruinas ahí está o Padre de pé, sempre de pé, recolhendo na agonia dos imperios a herança do passado, para deposital-a no berço das civilizações nascentes.

Baldados os esforços desses «desalmados» para annullar-lhe a missão e banil-o, como um estorvo, ou como uma inutilidade: esses esforços são semelhantes aos da onda impotente, que pretende derrubar a estatua colossal, chumbada na rocha inabalavel da praia.

E tantos insensatos andam por ahí, todos afanosos a hostilisar impotentemente o Padre!

Faz-me lembrar o barbaro, arremessando pedras á pyramide de Cléops, pensando, em sua simplicidade, que de momento a momento vae oscillar e cahir. Deus alicerçou no mundo essa pyramide luminosa do Padre catholico e escreveu-lhe no topo: Tu és sacerdote, eternamente existirás para além de todos os tempos. E os cegos, e os ignorantes defrontam-se ameaçadores deante dessa pyramide inconcusa, intentando derrubar o imovel, o indestructivel, o eterno.

Ai de vós oh cegos de tanta luz, que desacataes a grandeza e augusta venerabilidade do Padre, porque não a comprehendeis, e não vos confundis porque não védes que o sorriso de commiserção com que elle dignamente responde vos, e passa alem, é o sorriso do im-

mortal, que deixa-vos supplantados, porque vae dizendo consigo mesmo: Infelizes!

L. A. R. V.

De semana em semana

Julho que entrara triste, melancolico na porta do Kalendario, acaba de nos proporcionar esta semana dias bellissimos. Muito embora Phebo andasse parte do tempo occulto por detraz das nuvens, o seu bafejo morno e bemfeitor se fez sentir.

O que seria da gente si elle não imperasse magestoso no firmamento, nestes dias gelidos de Julho?!...

Mesmo o inverno, em nossa Florianopolis, não possui aquella poesia, que enche de phantasia a alma do poeta suiso, que canta inspirado na alvura da neve que cahe em flócos cheios de uma beleza infinita, por sobre as montanhas de Beruc.

Raras vezes é que uma nevesinha fraca vem atapetar a relva das nossas verdejantes campinas, mas desaparece logo aos primeiros reflexos do Astro Rei.

O chronista enfrentando o vento do Sul impertinente, frequentou com assiduidade a Bibliotheca Publica, durante a noite.

O Paiva, a tiritar de frio, metido no casaco, sempre o encontramos sentado na sua cadeira da Portaria a maldizer a sorte.

Com effeito elle tem razão, pois sendo de todos os porteiros das Repartições Publicas o que mais trabalha, é, entretanto, o menos remunerado... Oxalá que o Congresso tivesse compaixão do Paiva, que tem sido um funcionario zeloso, equiparando o seu ordenado aos dos demais p rteiros.

Em fallar sobre a Bibliotheca Publica, não podemos deixar de felicitar o illustre sr. major Innocencio Campinas pela maneira com

NO MAR

Ao amigo Adolpho Silveira de Souza.

No suspiroso marulhar das vagas,
Ante o brilhar da lua prateada,
Eu vou, como o proscripto, em rudes plagas,
Sentindo n'alma a dôr angustiada!

E' a dôr acerba da saudade ingente,
Que vae ferindo o pobre coração,
Sem dó, sem calma, impiedosamente,
Como se eu fôra um martyr sem perdão.

E vou sentindo sempre rediviva
Esta saudade acerba e pungitiva,
Esta saudade que traduzo em cantos.

E ao lembrar-me de ti, d'esta amizade,
Meu peito soffre as dores da saudade,
Emquanto os olhos vertem tristes prantos!...

17-7-1916

Nicolau N. NAHAS.

O OPERARIO

Ao meu bom amigo Izidoro Pavão.

Elle se ergue, mal desponta o dia,
Enfia a velha blusa, empunha o malho,
E esboçando um sorriso de alegria
Parte feliz buscado o seu trabalho.

Deixa da esposa os filhos em companhia,
Vai p'ra elles ganhar pão, agasalho,
E tranquillo, contente em Deus confia
Viver do fructo são de seu trabalho.

Tendo por companheira a sua arte
Vae elle alli, além em toda a parte,
No recanto infinito do universo.

Nada o detem, caminha, fronte erguida,
Vae dar impulso, força, vae dar vida,
Vae mover a alavanca do progresso!...

Cannasvieira, 16-7-916.

Geraldino Azevedo.

que soube responder a reclamação que alguns *juvencos estudiosos* fizeram pela imprensa, de ter o porteiro deixado de abrir a dita repartição uma noite da semana transacta. A carta que s. s. dirigiu ao *O Estado* desfez toda má impressão que porventura causasse no espirito dos de fóra, a alludida reclamação.

A frequencia nocturna na nossa Bibliotheca é de 5, 6 ou 7 pessoas, no maximo!...

**

Não é muito commum encontrar-se nos jornaes de nosso Estado um *consta* alarmante, premeditando graves acontecimentos. No Rio o caso é mui differente.

A Imprensa Carioca de vez em quando revoluciona o espirito publico, premeditando acontecimentos e medindo as consequencias que delles podem advir. Sobre a politica até nem se falla, por serem demasiados os taes *constas*. Ha até quem se adiante a entrevistar os grandes homens da politica, ouvindo attentamente as suas opiniões e publicando depois trechos mui differentes, o que tem provocado sempre serios protestos.

Foi a imprensa do Rio que alarmou a colonia catharinense alli domiciliada, com o espalhafatoso boato que o dr. Felipe Schmidt, se não accediasse o accordo com o Paraná, viria a entregar as redeas

do governo ao seu substituto legal e assumir a Prefeitura do Districto Federal! »

Essa nota de forma alguma podia ter cabimento. S. ex. apesar de ter sido um fervoroso pugador em prol da execução da Sentença do Tribunal Federal, nunca disse a ninguem que se esquivaria de entrar na negociação de um accordo honroso para terminar a nossa velha contenda com o Paraná. Catharinense de coração, eleito pela espontanea vontade do povo, que n'elle sempre depositou a maior confiança, elle não podia aceitar um accordo que nos viesse trazer graves prejuizos, mas, desde que se tratasse de um accordo dignificante para o nosso Estado, só restava s. ex. agir desembaraçadamente porque não fazia mais do que contribuir para o bem geral dos catharinenses e para a felicidade da Nação.

O jornal carioca perdeu uma boa occasião de ficar calado, pois o seu espalhafatoso boato provocou unicamente hilariedade geral, emquanto que o dr. Felipe Schmidt, a contento de todos, governa a nau do Estado e sente-se muito feliz por ver dia a dia, melhorar as nossas finanças, e ter remettido antecipadamente..... 104.000.000, para Londres afim de pagar os juros e amortisação do emprestimo que contraímos

para melhoramentos indispensaveis.

**

O impagavel Nathael Costa nos proporcionou horas agradaveis, fazendo rir até o mais sizudo frade de pedra. Ninguem poude conter-se ao vel-o de mangas arregaçadas, de *bisturi* em punho, com pericia e arte fazer autopsia no meu folheto sobre a Questão de Limites.

Não pense o leitor, ao verme fallar assim, que se trata de um rival de Hypocrates, Esculapio, Jenner ou Ambroise Paré, não; trata-se unicamente de um desses estudiosos e curiosissimos artistas que sabem dissecar uma obra e fazer com penna o que o facultativo com muita pericia faz com o *bisturi*.

E' impagavel o Nathael... Nestas horas de agres tristezas, um actosinho comico vale ouro, por isso o meu amigo não perdeu a boa oportunidade de ficar calado...

*

O chrouista não pode encerrar esta secção sem externar a profunda satisfacção que experimentou ao ler no ultimo numero deste semanario o brilhante artigo que, sob o titulo *Negro!*, escreveu um apreciado moço, a quem a modestia fez com que se occultasse sob o pseudonimo de *Xisto*.

PAIZAGEM

Ao meu intelligente amigo Hdefonso Juvenal.

Aqui o mar sereno a espreguiçar-se
Na praia, o longo leito alvinitente;
O céu limpido e puro a retratar-se
Das aguas no espelho transparente !

Qual argentea serpente a enroscar-se
Passa alli o ribeiro mansamente,
Em cujas aguas á tarde vai banhar-se
De garças brancas um casal contente !

Lá estende-se o verde e alegre prado
De polychrômas flôres matizado
Onde adejam phalenas multicolors.

Além, distante, á beira estrada,
A casinha gentil de minha amada,
Ninho doce e feliz de meus amores!...

Cannasvieiras, Julho de 1916,

Geraldino A. AZEVEDO.

AURORA

(SOL NASCENTE)

I

Abre-se o leque rutilo e sangrento
Da Aurora e igneos granisos de esmeralda
Como que descem do alto firmamento,
Da altiva serra sobre a saxea espalda...

Ha ruflos de azas pelo espaço; o vento
A copa verde do palmar desfralda,
Em crebro chôro; avermelhado, lento
Assoma o sol e a varzea e o campo escalda

Trescalam moitas, cantam passarinhos...
E ha tanto cheiro e bulha nos caminhos
E ha tanta luz na trama da soalheira

Dir-se-á que nesta aurea manhã, caatando
Com as aves e com as flores trescalando,
Resurge, ao sol, a Natureza inteira!...

MEIO DIA

(SOL A PINO)

II

Chega ao zenith o sol cujo lampejo
Agora mais enrubecido e quente
Sapeca o campo e no paul do brejo
Scintilla e bebe o miasma pestilente

De quando em quando passa, em lesto adejo,
Ave indistincta, quasi ao solo rente...
O vento é como um calido bocejo,
Ar de fornalha é todo o largo ambiente...

Fenezem flores; sobre a rocha, á tóa,
Dormem lagartos, e o silvar echôa
De ignotas cobras postas à quentura

Casam-se em coro crebras algazarras
Que faz o alacre bando das cigarras
Da mattaria occulta na verdura !...

TARDE

(SOL POENTE)

III

Agora aos poucos vae cahindo a tarde
Enfumarando o espaço... A' curva linda
Do occaso hyante, o sol que ja pouco arde,
A sua immensa trajectoria finda...

Tambem morrando vae o doce alarde
Dos passarinhos que eu escuto ainda,
E' em breve, a noite vil que tudo encarde
Ha-de espalhar-se na amplidão infinda

Ha campanulas no sopè do monte,
Em doce exhalção; além na ponte
Anda um tropel.. homens cantando e rindo.

São os tropeiros... O mugido rouco
Da boiada estridula... Pouco a pouco
De atraz do monte a lua vem sahindo!..

Archimimo Lapagesse.

(“Versos a Esmo.”)

Ah! si a decima parte do nosso povo, soubesse como Xisto, julgar as pessoas pelo caracter e nobreza de sentimentos e não pela côr, eu podia então sentir-me muito feliz.

Infelizmente são poucos os que pensam assim.

O artigo de Xisto não só sensibilizou minh'alma, como teve os mais sinceros applausos d'aquelles que me prezam e admiram.

Por meio dessas singelas linhas envio ao Xisto os meus agradecimentos.

Eu nunca serei ingrato áquelles que estendem a mão para apertar fraternalmente a minha mão calejada de simples artista.

A gratidão deve ser paga com a gratidão.

Por isso os nomes d'aquelles que como Xisto sabem ser dignos de minha amizade vivem no meu coração até á eternidade.

Ildefonso JUVENAL.

SAUDADES

A' quem eu sei...

Longe de ti...

Nostalgica tristeza assalta minh'alma, na doce hora em que a tarde esmorece e os passarinhos desferindo seus ultimos cantos em saudação ao sol-poente, levemente buscam a maciêz dos ninhos! E' n'essa hora, em que o céu começa a rendilhar-se de scintillantes estrellas e os vergeis rescendem enervantes arômas, que a Melancolia arrebatava-me em suas negras azas, transportando-me ás regiões das Saudades...

Saudades de Ti... do nosso Amor... d'esse tempo ditoso que teve a duração da rosa, que com a aurora desabrocha e ao crepusculo vespertino fenece desfolhando-se ao tenue perpassar da brisa!

Quantas vezes, sentado a teu lado, te dizia: «O nosso amor reciproco, Maria, mais parece sonho que realidade! Tenho soffrido tautas desilluções, tantos revezes, que chega a aterrar-me a felicidade que' estou fruindo por ser por ti retribuido o affecto acrysolado que te consagro e que já-mais se extinguirá na pyra ardente do meu coração, minha bem amada! Sim, essa felicidade parece-me o preludio d'uma desdita bem mais cruel que todas as que

já hei padecido! Por isso, temo que ella se desfaça, como se desfaz, ao romper d'Alva, um belio sonho d'uma noite de verão!»

E foi!... Foi um sonho, uma chiméra, uma illusão! porque tu, gentil borboleta, bem depressa esquecias-me por outro que te não soube comprehender nem amar de veras! Por isso, na hora em que, detraz d'aquellas serras longinquas, surge radiosa a estrellas Vesper, deixo-me arrebatado pela Melancolia que, em suas negras azas, transporta-me ás regiões das Saudades...

Saudades de Ti... do nosso Amor!...

Outomno de 916.

Ocirema.

O CANTO AO LADO

Na época actual, em que a vida é um suplicio, cada um concatena, com esperança de melhoras, o seu calculo: uns, fazem o calculo para ver o bicho que estoura, e dahi o gozo do banqueiro que á tarde vê o choro dos «tabaréos», outros os mais atrazados, — no entretanto se julgam «agnias» — formam o plano adquirindo esclarecimentos nos livros que trazem os pomposos titulos de reclame como elixir unico para pôr uma vida atrazada e cheia de contrariedades nos eixos da tranquillidade e do repouso, e o correio, como um expresso, no primeiro vapor do Rio, encarrega-se de entregar os escriptos de «condão», o que uma vez feito, «o fadado» põe mãos á obra... Porém, como tudo goira nestes tempos em que o Deo amarroto a carapuça assim tambem falha os preceitos, como certos, affixados nos livros.

O negocio não se resume a isso: os annunciadores dos preciosos objectos, — como vezeiros e uzeiros na arte de levar os «trouxas» no arrastão, — como um clarim annunciando a victoria, — mandam distribuir por todos os beccos e vielas destes «Brazis», circulares, pelas quaes, quem ler, pode aquilatar dos milagres que offerecem os objectos nellas mencionados. E como

em todo departamento existe um «miorá», o mais afamado desses abnegados é Aristoteles Italia, que, deixando outros talismans á margem, annuncia, com toques de tambores, cornetas e «tuti quanti» é barulho, pedras de cevar pelo «exiguo» preço de 100\$, 200\$, 300\$, e as de maiores effectos e curas, «apenas», apenasmente por 500\$!

Quando acabam dizem que estamos no seculo XX o seculo da luz! Se luz é isso, um cidadão bater uma pelega de 500\$ estalando na mão dum espertalhão, eu não sei o que é trevas e ignorancia.

Aristoteles Italia, o homem *humanitario*, não ha muitos dias que a *Noite* o entrevistou no seu afamado gabinete de hypnotismo, magnetismo, espiritismo, e uma enfiada de sciencias que acabam em *ismo*. O reporter, como querendo ficar sciente da fama do *grancabalero*, internou-se pelo estabelecimento, fazendo um acurado exame de todos os objectos que alli estavam em ordem e que, no dizer de Aristoteles, são preciosissimos, pois dão a felicidade e a fortuna em poucos dias, e começando um a um chegou á vez de attingir á culminancia do Raro, em examinando as *pedras de cevar*.

Terminada que fôra a entrevista, no dia seguinte o jornal põe no dominio publico a verdade esclarecendo a tradicção do *super-homem* e mestre de sciencias occultas.

As pedras de cevar — um casal conforme annuncia o tecnico da kabala e que são importadas das Indias, — nada mais são do que dois pedaços de maganez.

Ora, os unicos culpados são os *patos*, quanto Aristoteles faz muito bem em procurar um meio de vida, e talvez procurasse muitos, até que afinal achára um de resultados fabulosos que acabasse em *ismo*...

Nathael Costa.

Luta moral

A *Amphiloquio C. Gonçalves.*

Foste um infeliz. A tua vida consagraste-a á avareza...

—Conciência, cala-te!

—Não; é necessario que te ponha em vista o teu passado, que é um espétro de miséria. E' necessario, para cumprimento do meu devêr, que te obrigue a revêr os teus dias que, julgados por ti, eram cheios de felicidades. O'... mas, como te iludias!...

—Deixa-me!

—Deixar-te? Abandonar-te a ti que és um desgraçado? Seria esquecer a missão que me foi dada de conduzir á luz os que se acham nas trevas, de pôr o remorso em luta contra o instinto. E' necessario que me ouças, pois. Erraste o fim que devias atingir na vida e te lançaste, sorridente, ao abysmo da avareza: foste um ávaro, homem d'alma negra! E não só isso... foste ainda um ignorante!

—Conciência, és injusta, deixa-me, peço-t'ó mais uma vez!

—Injusta porque te acuzo ignorante? Revê as tuas ações e terás a confirmação da tua crassa ignorancia. Guardavas, escondias mesmo, o teu ouro... no emtanto, com que fim? E agora terás a desilusão... Elle ser-te-ha arrebatado, não por um ladrão, não por um faminto que aspirasse matar a fome; mas pela morte, a quem as balas do teu revolver jamais atingirão!

—Que dizes...?

—Quando algum desfavorecido da riqueza a ti achegava-se implorando-te lhe desses um pão, ah! estavas pronto para expulsal-o da tua porta... Mas, agora,—é a morte quem t'ó obriga—deixarás todo o ouro que accumulaste durante o teu viver de usurario impio.

—Mentes!

—Verás em breve, que não mintos; que as minhas palavras são sinceras; que o meu fim é inspirar-te calma, na hora de deixares o objecto unico do teu amor.

Nunca deixei de murmurar ao ouvido do homem, quando elle foje ao caminho réto, palavras como estás: «tu praticas o mal»... Entretanto, poucos são os que me atendem, os que me não desprezam... Tu, ávaro, máo homem, sobre descaridoso e quasi feroz, co-

mo poderias admitir os meus conselhos?

Infeliz que és!

O velho usurario, já não teve forças para replicar a essas ultimas palavras da conciencia amiga. Esbravejou, jemeu, esperneou, lançou um olhar faiscante para o cofre forte onde se achava guardada a sua enorme riqueza, mas a voz faltou-lhe para o protesto...

A velha e bôa companheira do homem, porém, concluiu:

—Morres, não é verdade? Sim. Mas é verdade tambem que deste mundo não levarás nem ao menos um insignificante grão d'areia.

Assim, pois, ver-te-ás separado, para sempre, do teu dinheiro! Que te vale agora a pistola?

Que te servem os gritos de protesto? Nada; a morte é forte, poderosa, invencivel e certa!...

E ouvidas essas palavras, o infeliz misero espirou...

Gustavo NEVES.

Bandeira nacional

Pedimos a attenção das autoridades estadoaes para o pouco caso com que é tratada a nossa gloriosa bandeira, que é aproveitada para todas as festas, em cinemas, pic-nics, launchinhas, botes e até em canoas.

Si essa gloriosa bandeira, symbolo da patria coberto de louros na campanha do Paraguay, é agora um panno imprestavel, «invente-se» outra, azul, preta e roxa, porque talvez com cores mais tetricas seja mais respeitada.

Já que «ninguem» se incommoda de ver o symbolo da Patria tão enxovalhado, appellamos para a mocidade, que a deve fazer respeitar.

X. X. X.

COM A HYGIENE

Um novo genero de negocio introduziram nesta capital os srs. Spirack & C., estabelecidos com tinturaria á rua João Pinto.

Trata-se da «compra e venda» de roupas uzadas, negocio esse que, a nosso ver, constitue um perigo para a hygiene.

Muitas e muitas peças de vestuario pertencentes a pessoas soffredoras de molestias contagiosas serão adquiridas pelos referidos

senhores, para, depois de uma rapida lavagem, serem vendidas a pessoas sãs, transmittindo-lhes o mal de seus primitivos possuidores.

Para o caso pedimos a attenção do sr. Inspector da Hygiene.

Instrucção publica

TUDO EM NOSSA TERRA É FICTICIO

Conclusão

Mande S. Ex., o Sr. Governador do Estado, pôr em plena execução o ensino obrigatorio e terd prestado ao seu Eslado natal, o mais relevante de todos os serviços.

Sejam as respectivas multas cobradas com o maximo rigor e sem patronatos politicos, e dentro de pouco tempo o numero de analphabectos tera decrescido consideravelmente.

O Sr. Director da Instrucção, que é um catharinense illustre e coberto de serviços prestados ao seu Estado na magna causa, determine aos respectivos professores a mais rigorosa observancia do Regulamento e que além do boletim mensal, apresentem um mappa demonstrativo das faltas e frequencia de cada alumno, e tera tambem, por seu turno, feito jús aos nossos applausos.

Sabemos que, com isto, augmenta algum tanto o serviço do respectivo encarregado e dos professores, porém a bem da instrucção da mocidade catharinense não se devem poupar fadigas nem difficuldades.

O professor, a quem tivemos a felicidade de ouvir, nos disse mais:

«Trabalhe, Senhor, trabalhe muito, sem descanço, até que deixe de ser um S. João pregando no deserto, e o Exmo Governador attenda o que pedir pelo seu pequenino jornal, já, que os grandes só cuidam da malfadada politicagem que está atirando o nosso Estado e o nosso Brazil em pezo em um abysmo que não se pode medir o fundo.

Xisto.